

A FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UM OLHAR A PARTIR DAS EXIGÊNCIAS DA CULTURA INCLUSIVA

*Fabio Zoboli¹
Renato Izidoro da Silva²
Victor Relson Santos³*

INTRODUÇÃO

A formação de professores é uma temática que é pauta de discussão nos mais variados âmbitos educacionais. São crescentes as políticas nessa área, é cada vez maior o número de publicações e pesquisa a partir desta temática, sem falar que a sociedade a cada dia emana demandas de cunho educacional e que precisam ser re/significadas enquanto conteúdo para ser trabalhada no contexto educacional.

Os jogos tensivos que envolvem a inclusão fazem parte cada vez mais das tramas de nosso mundo social diário, e por isso acabam tendo um lugar de destaque nos róis que envolvem a educação. As Educações Física, bem como as demais disciplinas escolares, cada vez mais se deparam com os conflitos provenientes do convívio com as diferenças.

Frente a isso, o presente texto vem discutir alguns pontos que nós autores consideramos essências para serem tratados em nível de formação inicial de professores de Educação Física escolar. A partir dessa temática passaremos a elencar bases sobre as quais acreditamos que a formação dos professores em Educação Física precisam se orientar para torná-lo mais preparado frente aos desafios impostos pela educação inclusiva.

A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Esta formação consiste na formação acadêmica do licenciado em Educação Física junto à universidade/ Instituição de Ensino Superior, ou seja, durante o seu curso de graduação – formação inicial. O texto se propõe a elencar tópicos que

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe – UFS.

² Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

³ Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Sergipe – UFS.

cremos ser importantes para guiar a formação inicial dos acadêmicos em Educação Física. São eles:

- Inclusão da disciplina de Educação Física Adaptada nos currículos da Educação Física;
- O conhecimento acerca das deficiências;
- A superação da visão de ser humano a partir do corpo biológico;
- O discurso da igualdade X o discurso do respeito à diferença;
- Desvelamento dos mecanismos de produção social da diferença;
- A interdisciplinaridade;
- A pesquisa e a extensão;
- Planejamento didático.

INCLUSÃO DA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA NOS CURRÍCULOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Cabe aqui inicialmente mencionar uma conquista importante para a Educação Física quando o tema é educação inclusiva. O Conselho Federal de Educação em 1988 determina através de um parecer que num prazo de 02 anos os cursos de Educação Física em nível superior deveriam reestruturar seus currículos. Nesse parecer encontramos a sugestão de uma disciplina destinada a atender pessoas com deficiência.

Surge então, a partir de 1989 nas grades dos cursos de Educação Física de todo o Brasil disciplinas intituladas: Educação Física especial/ Educação Física Adaptada/ Atividade Física para pessoas com deficiência/ entre outros. Essas disciplinas introduzem no contexto da formação inicial a discussão das tensivas oriundas da presença de pessoas com deficiências no contexto das aulas de Educação Física. O corpo deficiente ocupa espaço numa área que sempre privilegiou corpos fortes e saudáveis.

Sobre essa base de formação para os acadêmicos, o objetivo era oportunizar a edificação de práxis motoras mais inclusivas, tendo em vista o histórico de exclusão das pessoas com deficiência, principalmente no contexto das aulas de Educação Física. Ainda que as escolas regulares só tenham sido legalmente expandidas a esses alunos recentemente, mas levando em conta a presença de algumas pessoas com deficiência mesmo antes das leis que garantiram a sua introdução no âmbito da escola regular.

Isso passa a ser importante, pois a partir de então os professores de Educação Física passam a ter na sua formação inicial uma disciplina que lhe permite entrar em contato com conhecimentos pertinentes para lidar com a pessoa com deficiência e também com a inclusão dos mesmos nas aulas de Educação Física.

O CONHECIMENTO ACERCA DAS DEFICIÊNCIAS

Na formação inicial se faz necessário que o acadêmico entre em contato com

o conhecimento das mais variadas deficiências a fim dele melhor mediar suas práxis a partir das mesmas. Práxis definida por Silva (2000, p. 94) como “toda atividade histórica e social, livre e criativa, através da qual o ser humano modifica a si próprio e ao mundo.” O conhecimento é à base da ação e só a partir da aproximação dos acadêmicos com as questões inclusivas em sua formação inicial, novas práxis no âmbito escolar poderão ser criadas, capacitando ainda mais os professores de Educação Física para o trabalho com essas pessoas, contribuindo assim, para a diminuição do despreparo destes, frente à realidade do aluno com deficiência.

É importante que se saiba a origem das mais variadas deficiências, suas características, seu processo evolutivo, suas formas de manifestação. Neste sentido vale mencionar a importância desse saber a partir de sua própria justificação.

É importante, por exemplo, que um professor saiba da instabilidade na articulação atlanto-axial do Síndrome de Down para que possa tomar devidas precauções com atividades que ele vai preparar para os mesmos. O Síndrome de Down tem muitos problemas relacionados a infecções respiratórias, e saber disso contribui para um professor negociar sua aula de Educação Física numa escola sem ginásio coberto (ou mesmo com) sempre depois das primeiras aulas da manhã para evitar o clima mais frio em cidades que tenham essas características climáticas.

É importante para um professor de Educação Física entender a Paralisia Cerebral para que possa estimular a pessoa com essa deficiência a fim de melhorar sua condição nos mais variados aspectos. Para dar bases para uma práxis mais eficaz em determinadas situações respaldada sempre nos conhecimentos, mas sem limitar-se a eles.

O conhecimento sobre a deficiência é importante para assegurar a integridade física da pessoa deficiente. Garantir as condições de segurança frente às práxis a serem realizadas em aula é essencial, e essa essencialidade tem relação intrínseca com o conhecimento das deficiências.

Esse conhecimento é também necessário para o professor adaptar as atividades e os materiais para inserir o aluno deficiente. Essa adaptação precisa ser mediada por um processo progressivo de dificuldade, ou seja, as atividades não devem ser tão fáceis a ponto de desmotivar o grupo e as pessoas deficientes e ao mesmo tempo, nem tão complexas a fim de não encorajá-los ao desafio de realizá-las. Em relação à adaptação dos materiais, eles também precisam ser feitos para melhor manuseio da pessoa com deficiência e por consequência, para uma práxis mais efetiva e participativa dos mesmos.

A SUPERAÇÃO DA VISÃO DE SER HUMANO A PARTIR DO CORPO BIOLÓGICO

A Educação Física é uma área do conhecimento historicamente ligada às ciências da saúde. E a exemplo das demais áreas da saúde ela está presa a toda uma

visão de corpo pautada no biologicismo oriundo da cientificidade dada ao corpo a partir do método científico elaborado por Descartes.

A partir de Descartes – Idade Moderna – se procurou explicar o organismo através das leis da matemática e da física, tentou-se explicar a vida de forma mecânica, ou seja, foi uma tentativa de reduzir os mecanismos vivos – principalmente e inclusive o corpo humano – a um sistema com várias peças e com uma lógica mecânica. O corpo foi fragmentado e dissecado e seu entendimento foi unicamente pautado na sua materialidade biológica.

O corpo passa a ser visto simplesmente como algo biológico e mecânico ficando destituído, em grande parte, de sua condição existencial e realidade humana. No corpo humano há muitas realidades que não podem ser mensuradas nem compreendidas como simples fragmentos.

A tecnização da Educação Física, fundada numa práxis que leva em consideração somente o ser humano como ser biológico casa-se perfeitamente bem com os interesses históricos de uma Educação Física preocupada com a formação de corpos eugênicos, com os corpos solados e com os corpos atletas.

O positivismo científico contribuiu sobremaneira para esta biologização da Educação Física ao eliminar do homem a “subjetividade”, pois esta não podia ser controlada sob os padrões do que era considerado “científico”. Por isso, na Educação Física há uma quantidade estapafúrdia de estudos que reduzem o homem à somente aquilo que nele pode ser observado e medido. Esta visão desconsidera o histórico e o cultural e reduz por demais o ser humano enquanto ente vivo-vivente.

No entanto, também queremos ressaltar que este conhecimento biológico do corpo que a Educação Física se apropriou para assentar suas práxis, também trouxe largos benefícios à Educação Física e às demais áreas do conhecimento e ciências.

Na formação inicial do profissional de Educação Física esta tendência em ver o ser humano apenas sob o viés biológico precisa ser revista e superada. Devemos sim estudar a dimensão biológica do homem na Educação Física, mas sempre na sua complexidade com outras dimensões tais como a cultural, a político/econômica, a psicológica, a sagrada, a transcendente. Muito mais que analisar e estudar cada uma delas devemos pensá-las como algo complexo e não linear.

Nossa crítica vai muito de encontro com a dimensão de encerrar a deficiência sob um viés mais complexo, não sob o signo da utilidade, mas sob o viés da diferença. Isso vai muito de encontro com o que Mário Quintana materializou em forma de poesia:

Deficiente é aquele que não consegue modificar sua vida, aceitando as imposições de outras pessoas ou da sociedade em que vive, sem ter consciência de que é dono do seu destino. Louco é quem não procura ser feliz com o que possui.

Cego é aquele que não vê seu próximo morrer de frio, de fome, de miséria, e só tem olhos para seus míseros problemas e pequenas dores.

Surdo é aquele que não tem tempo de ouvir um desabafo de um amigo, ou o apelo de um irmão. Pois está sempre apressado para o trabalho e quer garantir seus tostões no fim do mês. Mudo é aquele que não consegue falar o que sente e se esconde por trás da máscara da hipocrisia.

Paralítico é quem não consegue andar na direção daqueles que precisam de sua ajuda. Diabético é quem não consegue ser doce. Anão é quem não sabe deixar o amor crescer. E, finalmente, a pior das deficiências é ser miserável, pois:

Miseráveis são todos que não conseguem falar com Deus”.

O ser humano existe via corpo. O corpo é o meio pelo qual o ser humano experimenta o mundo. O sentir, o pensar e o agir caracterizam a existência humana. A estrutura biológica do ser humano permite que ao mesmo sentir, pensar e agir; no entanto, esse sentir, pensar e agir são mediados por uma infinidade de signos sociais, são formatados pela dimensão da cultura.

Quando uma pessoa com deficiência é analisada sob um viés meramente biológico, por exemplo, um cego, ele passa a ser visto como um sujeito doente e falhado. Numa dimensão menos reducionista e mais complexa ele é simplesmente visto como diferente, ou seja, o cego não sente com os olhos da mesma forma que um vidente, mas nem por isso ele deixa de sentir, ele sente de modo diferente. Da mesma forma, um amputado de perna não deixa de agir, ele só age de forma diferente.

O DISCURSO DA IGUALDADE X O RESPEITO À DIFERENÇA

Disseminou-se historicamente o entendimento que nós humanos somos mediados por princípios de igualdade, ou seja, nascemos e crescemos estigmatizados pelo lema de que “somos todos iguais”. Não estamos negando essa igualdade, até porque nas relações sociais ela é de fundamental importância principalmente no que tange as questões legais. Porém, na condição humana só ha uma coisa que nos caracteriza como iguais: a condição de que somos diferentes, ou seja, o normal é ser diferente.

No entanto, na tentativa de fazer com que o leitor não nos interprete a partir dos radicalismos trazemos ao texto a citação de Boaventura de Souza Santos quando o mesmo menciona que: Temos o direito de ser iguais quando a diferença nos inferioriza e o direito de sermos diferentes quando a igualdade nos descaracteriza (SANTOS, 2002).

O princípio da igualdade precisa ser mediado pelo respeito à diferença, pois a

inclusão só poderá acontecer na medida em que o humano possa exercer o direito de ser diferente. É como nos alertam Forest e Pearpoint in Mantoan (1997, p. 138):

Inclusão trata, sim, de como nós lidamos com a diversidade, como lidamos com a diferença, como lidamos (ou como evitamos lidar) com a nossa moralidade (...) inclusão não quer absolutamente dizer que somos todos iguais. Inclusão celebra sim, nossa diversidade e diferença com respeito e gratidão. Quanto maior a nossa diversidade, mais rica é a nossa capacidade de criar novas formas de ver o mundo (...) inclusão é reconstruir nossos corações e nos dar as ferramentas que permitam a sobrevivência da humanidade como uma família global.

O humano enquanto ser único carece de respeito no que tange a sua individualidade. A vida é igual a uma grande orquestra, onde cada ser é ao mesmo tempo instrumento e partitura única a emitir sons e notas. A diferença faz a beleza da música, você já imaginou se só existissem os trombones? Seja o respeito à diversidade a mais bela sinfonia e não um desafinar que causa vergonha e prelúdio de morte.

Este é um convite a uma pedagogia da diferença, pedagogia esta que segundo Trindade in Garcia (2002, p. 87):

Reconhece em cada ser humano, em cada corpo humano, a singular diferença que não se repete no universo, logo reconhece a preciosidade de cada um e, por conhecer, acolhe, e por acolher, valoriza e, porque valoriza, compromete-se e, ao comprometer-se, afirma essa singular existência humana, esse corpo singular como potencialidade, infinita potencialidade. E porque comprometido, valoriza e porque valoriza, acolhe, e porque acolhe viabiliza, afirma, promove, respeita, encanta-se e encontra-se, misturam-se em afetos, sonhos, produções e ações coletivas a favor da vida, em sua multiplicidade e infinitas possibilidades que se metamorfoseiam e se transformam a cada instante.

DESVELAMENTO DOS MECANISMOS DA PRODUÇÃO SOCIAL DA DIFERENÇA

A deficiência e as diferenças são fenômenos tensivos. Existe neles uma condição específica e única, mas que sofre também a influência de uma estrutura macro. As condições sociais, a cultura, valores de cunho religioso, a política capitalista na atual configuração do neoliberalismo, enfim, uma infinidade de mecanismos sociais que interferem na produção social da diferença.

Neste sentido, faz-se necessário na formação básica do professor de Edu-

cação Física adaptada dar bases para que o acadêmico possa tratar a identidade e a diferença como questões de política, pois assim como podemos observar em Silva (2009) “a identidade e a diferença estão estreitamente ligadas a sistemas de significação. A identidade é um significado cultural e socialmente atribuído. A teoria cultural recente expressa essa mesma idéia por meio do conceito de representação”.

No centro deste debate estaria uma discussão da identidade e diferença como produção. Para Silva (2001) a pergunta crucial a guiar esse planejamento seria: como a identidade e a diferença são produzidas? Quais são os mecanismos e as instituições que estão ativamente envolvidos na criação da identidade e de sua fixação?

Isto está intrinsecamente ligado a todo um jogo cultural e por conseqüência, de valores sociais que não podem ser desconsiderados quando o tema é inclusão, deficiência e diferença.

Estigmas raciais, estigmas ligados às relações de gênero, estigmas que dizem respeito a pessoas com deficiência sempre tiveram por detrás de si teorias, políticas e instituições que as legitimaram e as fixaram. Por exemplo, para o branco justificar sua dominação sobre o negro, para justificar sua escravidão eles criaram um sem fim de estigmas que foram legitimados historicamente.

Como anunciamos acima, ser diferente é normal. No entanto, quando a partir das diferenças estabelecemos relações de poder já iniciamos um processo de diferenciação que traz como pano de fundo signos de dominação e opressão. A mulher sempre foi vista, no seu devir histórico, como um ser inferior ao homem, ou seja, estabeleceu-se sobre elas relações de poder e dominação. Homem e mulher são diferentes nas suas particularidades e caracterizações, no entanto, essa diferença precisa ser respeitada e não hierarquizada.

Todas as relações de (in)exclusão, podem ser vistas como um aspecto que estruturam as relações de poder na medida em que atribuem valores as diferenças, dimensionando-as simbolicamente como inferior ou superior. Foucault (2000) menciona que o corpo passa assim a ser dominado por inúmeros signos que exercem sobre ele relações de poder na medida em que precisa ser formado, corrigido e receber certo número de qualidades.

Desvelar esses jogos de poder é essencial para a consolidação da aculturação do convívio e do respeito à diferença. A cultura do acolhimento só acontecerá na medida em que o outro for visto como diferente e respeitado na sua condição de diferente.

Na menção de Marques (2001) a diferença não deve, pois, se constituir num critério de hierarquização da qualidade humana. Independente da condição existencial de cada um, todos são igualmente humanos, com o mesmo valor existencial. Assim, o que se deve considerar é a diferença na totalidade e a totalidade na diferença, sem se prender à prejudicial polarização do normal (igual), de um lado, e do diferente (desigual) do outro.

A INTERDISCIPLINARIDADE

Compactuamos com Bracht (2007) quando o mesmo defende a ideia de que a Educação Física não é uma ciência. No entanto, ela está interessada nas ciências e nas explicações científicas. A Educação Física é uma prática de intervenção e o que a caracteriza é a intenção pedagógica com que trata um conteúdo que é retirado do universo da cultura corporal de movimento.

Sendo o corpo e o movimento realidades tão complexas pode-se afirmar que a Educação Física é composta por um emaranhado de diferentes áreas. Unir um único objeto científico para a Educação Física, é, a nosso entender, um tanto quanto impossível.

Por isso acreditamos que a Educação Física deve ser mais pensada em pequenas comunidades de diálogo em torno de uma problemática teórica acordada e compartilhada a partir da cultura de movimento. Isso vai significar, provavelmente, a presença de diferentes comunidades organizadas de diferentes formas, produzindo e vinculando conhecimentos que se orientam em diferentes problemas.

Neste contexto, a Educação Física adaptada seria assim uma área que pensaria de modo científico sobre as formas de educar um ser humano diferente/deficiente (ser este que se movimenta e traz em seu movimentar-se a sua complexidade: física, psíquica, social, cultural, econômica, política). Estas formas de educar (prática pedagógica) estariam então fundamentadas em conhecimentos científicos oferecidos pelas abordagens de diferentes disciplinas.

Surge aqui então a necessidade de se pensar a Educação Física e a Educação Física adaptada de forma interdisciplinar (sempre a caminho da transdisciplinaridade) para então melhor resolvermos as necessidades/problemas desde ser humano (complexo) do qual educamos. Pois, as especificidades das disciplinas científicas são insuficientes – ou no mínimo reducionistas – para se explicar a complexidade de uma prática educativa que articula problemas de um humano físico, psicológico, cultural, econômico, político.

Na Educação Física adaptada a reunião de varias áreas/disciplinas se faz necessário para melhor compreender a pessoa com deficiência bem como todo entorno no qual a mesma está envolvida bem como o processo de inclusão. “Contudo, Severo e Paula (2010) afirmam que: não basta aproximar várias disciplinas em um programa de estudos para se produzir um saber interdisciplinar. A interdisciplinaridade é uma prática altamente complexa que exige uma reflexão epistemológica.” Para Japiassú (1976) a interdisciplinaridade acontece com a intercomunicação na relação disciplinar, promovendo uma alteração entre ambas, a partir de um diálogo compreensível, tendo em vista que não basta a existência de uma troca de informações para que o ensino configure-se com processo interdisciplinar.

Sendo o universo tão grande e complexo, seu conhecimento passou a ser feito pelas partes. Foi essa idéia de que a fragmentação facilita a compreensão do

conhecimento científico que orientou a elaboração de disciplinas consideradas indispensáveis à construção do saber. Tal simplificação, por outro lado, complicou a compreensão de fenômenos mais complexos.

Interdisciplinaridade é a integração de dois ou mais componentes curriculares na construção do conhecimento. A interdisciplinaridade surge como uma das respostas à necessidade de uma reconciliação epistemológica, processo necessário devido à fragmentação dos conhecimentos. A interdisciplinaridade buscou conciliar os conceitos pertencentes às diversas áreas do conhecimento a fim de promover avanços como a produção de novos conhecimentos ou mesmo, novas sub-áreas.

Alertar os acadêmicos de Educação Física para uma atitude interdisciplinar se faz necessária no seu processo de formação, pois o ensino baseado na interdisciplinaridade proporciona uma aprendizagem muito mais estruturada e rica para o acadêmico de Educação Física, pois os conceitos estão organizados em torno de unidades mais globais, de estruturas conceituais e metodológicas compartilhadas por várias disciplinas.

Neste caso a tônica é o trabalho de integração das diferentes áreas do conhecimento. Um real trabalho de cooperação e troca, aberto ao diálogo e ao planejamento. Neste caso, se faz necessária uma coordenação que integre objetivos, atividades, procedimentos, planejamentos e propicie o intercâmbio, a troca e o diálogo.

A nosso ver, a formação acadêmica não pode abrir mão da interdisciplinaridade como ferramenta para formar um professor de Educação Física frente os desafios inclusivos. O ser humano é complexo, o processo de inclusão também.

A PESQUISA E A EXTENSÃO

A universidade se funda na tríade ensino, pesquisa e extensão. O ensino é de fundamental importância na formação inicial do sujeito, no entanto proporcionar ao acadêmico a aproximação junto ao campo através da pesquisa e da extensão se faz muito necessário no sentido de que ele amplie suas formas de compreender o processo educacional inclusivo.

O **Estágio Supervisionado** tem uma função importante nesse contexto, pois ele coloca o acadêmico na realidade do “chão da escola”. Através dessa vivência o acadêmico aumenta seu vocabulário de experiência junto a todos os jogos que envolvem a escola (sua realidade) e os jogos de in-exclusão presentes em todo esse contexto.

O estágio faz gerar problemas, esses problemas fazem gerar pesquisas. A pesquisa faz gerar sujeitos mais capazes e autônomos dentro do processo inclusivo. Sendo assim, consideramos a pesquisa de fundamental importância no processo de educação inclusiva.

O estágio supervisionado é uma ferramenta importante para fazer brotar pesquisas, mas também a extensão tem um papel importante nesse processo. A exten-

são na verdade pode fazer também o caminho inverso, ou seja, a pesquisa pode brotar de uma atividade de extensão, bem como a extensão pode se originar de uma pesquisa. O ideal é criar um mecanismo de auto-sustentação de ambos, ou seja, a pesquisa subsidiando a extensão e a extensão subsidiando a pesquisa.

Queremos deixar claro aqui que entendemos o estágio também como extensão, o estágio também como pesquisa. Na verdade o professor que vai trabalhar com esses acadêmicos, futuros professores de Educação Física precisa ter a sensibilidade de fundar sua práxis nos três eixos (ensino, pesquisa e extensão) como eixos de um mesmo fundante, como eixos complexos que se auto-sustentam. O estágio também tem suas bases nesses eixos.

O exercício articulado e bem estruturado dessa tríade aproximaria a Universidade da Escola Pública bem como da comunidade de forma geral. Os grupos de pesquisa nos Departamentos de Educação Física são ferramentas importantes no contexto dessas mediações e aproximações.

Ensino, pesquisa e extensão / Estágio supervisionado / a aproximação da universidade com o chão da escola e a comunidade, para nós são também de fundamental importância na formação do professor de Educação Física para o enfrentamento dos desafios postos pela educação inclusiva.

PLANEJAMENTO DIDÁTICO

Na formação inicial do professor de Educação Física as bases didáticas são importantes na medida em que exige a reflexão constante do professor sobre suas práxis. As estratégias de promoção de inclusão precisam estar sistematizadas em meio a organização intencional de um projeto pedagógico.

A didática se ocupa da articulação do ensino e da aprendizagem, no que tange a sua organização, sistematização e controle de modo intencional a fim de se atingir um determinado fim. Sendo assim é de fundamental importância o professor saber onde e como quer chegar para assim se organizar. Esse conhecimento e essa sistematização no planejamento diário precisa ser uma das bases também a ser repassadas pelo

A escolha de conteúdos/currículo é aqui importante demais. Não é só o conteúdo que conta, mas também sua forma de trabalhá-lo. Um conteúdo não pode ser repassado de forma linear sem que se estabeleçam as suas várias relações e interações (interdisciplinaridade). Da mesma forma o aluno não é um depósito de informações.

Não podemos falar de currículo, sem falar do poder que este exerce sobre as instituições escolares. O conhecimento que esclarece é o mesmo que imbeciliza, é assim que podemos definir a extensão do poder sobre as formas de se pensar os currículos escolares – o currículo oficial e também o currículo oculto.

Para Silva (1995), o currículo oculto são todos os efeitos de aprendizagem não intencionais que se dão como resultado de certos elementos presentes no ambiente escolar. A relevância deste conceito está na explicação que ele oferece para a compreensão de muitos aspectos que ocorrem no universo escolar.

O currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita para aprendizagens sociais relevantes [...] o que se aprende no currículo oculto são fundamentalmente atitudes, comportamentos, valores e orientações. (Silva, 2001, p. 78)

Silva (2000) apresenta o currículo oculto como conjunto de atitudes, valores e comportamentos que não fazem parte explícita do currículo oficial, mas que são implicitamente ensinados através das relações sociais, dos rituais, das práticas e da configuração espacial e temporal da escola.

Michael Apple em *Ideologia e Currículo* (1982) colocou em destaque a relação entre dominação econômica e cultural e o currículo escolar. Baseado na abordagem neomarxista, o autor trabalhou a noção de currículo oculto buscando demonstrar como as escolas produzem e reproduzem a desigualdade social.

Neste sentido acreditamos que a formação de hábitos se dá através da repetição e memorização de conteúdos didáticos. Pede-se que o aluno leia um capítulo e ao final lhe é aplicado um questionário onde o mesmo volta ao texto recortando a resposta, ou seja, mero exercício de repetição e reprodução. Estas também são formas de condicionar o sujeito a passividade, ou seja, de formar hábitos passivos em termos de reflexão e criação.

Neste sentido, Freire (1987, p. 57-58) menciona que:

Uma das características desta educação dissertadora é a “sonoridade” da palavra e não sua força transformadora. Quatro vezes quatro, dezesseis; Pará, capital Belém, que o educando fixa, memoriza, repete, sem perceber o que realmente significa quatro vezes quatro. O que verdadeiramente significa capital, na afirmação, Pará, capital Belém. Belém para o Pará e Pará para o Brasil.

A educação ao privilegiar os gestos repetitivos em suas práxis contribui também para essa formação padronizada de sujeitos. É preciso refletir frente às práticas de reprodução mecânica, a fim de criar relações com o conhecimento que incutem a criatividade e a problematização. A educação precisa estar fundamentada numa teoria complexa, dinâmica e dialógica que torne concreto, valores como solidariedade, responsabilidade social, criatividade, disciplina a serviço do bem comum, vigilância e espírito crítico. A inclusão se encaixa nesse contexto.

Sujeitos criativos se formam na invenção e na reinvenção, na busca criativa e re-flexiva sobre determinada práxis. Não é decorando na disciplina de língua portuguesa o autor e obra da literatura brasileira que vamos assegurar o desejo pela leitura. Não é dando exercícios de repetição até a fadiga exigindo a perfeição do gesto que formaremos humanos que vejam na Educação Física uma ferramenta de promoção humana.

Acreditamos que o conteúdo deva vir aberto a todo um movimento onde o professor possibilite o aluno a articulá-lo com outros saberes, onde o aluno se sinta autor também no processo de ensino/aprendizagem. A inclusão precisa ser pauta das discussões e ações neste sentido. Ela precisa permear as práxis pedagógicas.

Afim de o professor realizar sua práxis didática acreditamos que esta deva se organizar a partir de algumas tarefas⁴.

O professor precisa **diagnosticar** a sua realidade de sua escola/aluno, ele precisa diagnosticar a instituição e os sujeitos nela envolvidos para a partir disso pensar na etapa posterior.

A construção/organização do plano/projeto de ação. A partir do diagnóstico o professor planeja como irá intervir com sua instituição/sujeitos. Aqui vários fatores devem ser pensados: seqüência pedagógica, estratégias de ação, conteúdos a ser trabalhados, critérios de avaliação.

A execução do plano projeto junto aos sujeitos/instituição. Esse é o momento o professor coloca em prática seu plano/projeto, no entanto não podemos esquecer aqui que não se trata somente do conteúdo que iremos passar, mas sim e principalmente, da maneira que o vamos passar. Se eu trabalhar, por exemplo com o conteúdo dança ou jogo, não é simplesmente repetir passos de dança e técnicas de jogo, mas sobretudo a partir desses conteúdos criar conflitos, enfrentamentos na busca de novas formas de movimentá-los. É dar base para se criar um sujeito criativo. Também não devemos reduzir a dança e o jogo a somente suas contribuições fisiológicas para a saúde, mas entende-lo também como um fenômeno cultural, político, econômico, histórico... enfim, complexo/interdisciplinar.

A avaliação: entendemos que a avaliação é muito mais que aplicar testes ou coletar medidas. A avaliação deve ser um momento de construção e conscientização das responsabilidades de cada um no processo e não de castigo, nem de hierarquização pronunciada. A avaliação precisa principalmente estar focada na redefinição de novos caminhos a seguir, tanto para o professor como para o aluno. Não podemos esquecer que os critérios da avaliação precisam estar já definidos no plano/projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a busca de uma efetivação da cultura inclusiva, a escola e a Educação Física precisam estar atentas a proporcionar uma práxis mais acolhedora

⁴ O modelo da sistematização abaixo foi retirado do livro: SOARES, C. L. et al. Metodologia do Ensino da Educação Física. São Paulo: Editora Cortez, 1992.

no convívio dos diferentes e das diferenças. O professor tem papel importante no processo de aculturação da inclusão, ele é a maior de todas as ferramentas, ele é o recurso mais importante, por isso a necessidade de uma boa formação inicial.

Ao término provisório deste texto somos sabedores de que as condições materiais, pouco abordadas neste texto – tal como a acessibilidade e os elementos legais – também são fatores importantes para a constituição de um ethos inclusivo. Esses elementos são fundamentais para a garantia do acesso em sua primeira dimensão. A garantia legal e material é o primeiro passo para a efetivação de uma cultura inclusiva, mesmo isso soando muitas vezes como impositivo.

No entanto, em nosso escrito, nos ativemos a descrever sobre o processo de formação do material humano que irá mediar os jogos tensivos da (in)exclusão no contexto escolar: o professor – no caso específico aqui, o de Educação Física.

A Educação Física necessita urgentemente um olhar diferenciado para o continuar do seu processo histórico, no qual percebemos um ranço no que tange ao interesse da mesma em trabalhar com valores de seleção de corpos capazes de atender às demandas de uma sociedade competitiva em que somente os fortes sobrevivem.

A Educação Física, notadamente até a década de 1970, utilizou-se de execuções padronizadas, movimentos mecânicos e estereotipados, em ritmos uniformes. A partir da década de 1980, muitos profissionais de Educação Física passaram a criticar tais princípios, fazendo com que surgissem propostas progressistas contextualizadas, centrada nas relações humanas e conscientes da sua história como construção coletiva. Tudo isso contribui para uma Educação Física mais inclusiva, no entanto, ainda estamos longe de nos desprendermos de hábitos de seleção e exclusão.

A riqueza do convívio humano frente o diferente nas aulas de Educação Física precisam estar permeada por valores de respeito, cooperação e responsabilidade para com o outro. Que isso não seja somente uma falácia ilusória, mas que possa constituir a base de todo trabalho que se diga realmente educativo e, por consequência, inclusivo nas práxis da Educação Física escolar.

REFERÊNCIAS

APPLE, M. **Ideologia e currículo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRACHT, V. **Educação Física e ciências: cenas de um casamento (in)feliz**. 3 ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

FOREST, M. e PEARPOINT, J. **Inclusão: um panorama maior**. In: MANTOAN, M. T. E. A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema. P. 137-41. São Paulo: Memnon, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. 22. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JAPIASSÚ, H.. **Interdisciplinalidade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MARQUES, L. P. **O professor de alunos com deficiência mental: concepções e prática pedagógica**. Editora UFJF – 2001.

SANTOS, B. de S. – **Produzir para viver**: Os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

SILVA, T. T. da (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SILVA, T. T. da. **A produção social da identidade e da diferença**. In SILVA, T. T. da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu da Silva (org.). p. 73-102. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SILVA, T. T. da. **Teoria Cultural e Educação – um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. **Territórios contestados**: currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis: Vozes, 1995

SEVERO, C. G. e PAULA, A. C. de. **No mundo da linguagem: Ensaio sobre identidade, alteridade, ética, política e interdisciplinalidade**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Editora Cortez, 1992.

TRINDADE, A. L. da. Do corpo da carência ao corpo da potência: desafios da docência. In GARCIA, L. G. (org.). **O corpo que fala dentro e fora da escola**. P. 65-88, Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2002.